

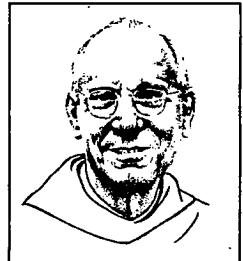
24 FEV 1995

Será o vestibular o culpado?

Educação

Não há de ser o gesto ilusório do aveSTRUZ que, sentindo-se ameaçado, para não enfrentar o problema esconde a cabeça na relva e deixa o corpo à mercê do agressor. Nem pode ser o ato falho do cliente que, ao sair do consultório, onde entrara havia meia hora, apavorado com o que iria ouvir, a sentença fatal, se dá conta de que omitiu a referência do sintoma mais inquietante. É, a nosso ver, uma espécie de fuga do problema central. A busca do repouso num bode expiatório. Aquele pobre bode, de que falam os levíticos, mandado ao deserto — ao demônio Azazel — para resgatar, com a vida, a culpa que não era sua, mas de seu dono.

Ou nenhuma dessas hipóteses. Certo é que todos afirmam: a educação vai mal. Onde a está raiz do mal? Como saná-lo? Hoc opus, hic labor est. Aqui a dificuldade. Se a pergunta for dirigida a um iletrado camponês, ele, descansando a enxada, dirá: "Melhore o ensino, dê seriedade à sala de aula, cuide o professor, animado por salário mais confortador, de ensinar e o aluno, menos deixado à ociosidade, de aprender." Nós, porém, mais sofistica-



Precisamos ter a coragem de enfrentar o problema no seu âmago

dos na interpretação dos fatos, temos caminhos mais sutis: "O mal é o exame." Preferiríamos amaciar com um eufemismo, para não sermos tão crus assim. Díriamo o equivalente: o mal é o vestibular, o mal é a repetência. Vestibular é exame, repetência decorre do exame. No fundo é o exame que nos perturba. E perturba porque é ele que tira o véu da nudez real. Revela o que queríamos enjaular no inconsciente. É claro que estou dando uma feição esquemática

ao problema. O vestibular, embora tenha melhorado (lembremos o vestibular limitado às chamadas disciplinas específicas — como se houvesse tais disciplinas — que era um crime contra a cultura geral, função básica do ensino médio), pode e deve se aprimorar ou ir se aprimorando. Além disso, como todo processo escolar sofre desgastes, devem variar os tipos de prova, inclusive para despistar os experts que, em vez de ensinar, querem preparar os alunos para ela. Mas não tem sentido multiplicá-lo por três — um no fim de cada série do segundo grau, como se tem proposto —, porque isso reduziria o segundo grau a três anos de preparação de provas

(sob módulos), em vez de serem três anos de formação humana. Não poderia ser concentrado num único exame de Estado, que, além de agravar o problema, como processo de avaliação, seria de uma operacionalidade onerosa e arriscada. O que me parece é que se carrega demais nos defeitos dos vestibulares. Na verdade, seus resultados não são tão falhos: qualquer colégio pode prever, antes deles, quais os alunos que vão brilhar, quais os que se classificarão e quais os que não chegarão lá.

E a previsão não costuma falhar. Ainda este ano, os professores de um colégio do Rio de Janeiro que previdam a aprovação de 90% de seus alunos (que não freqüentaram cursinho) na UFRJ só tiveram surpresa porque os classificados foram 95%. O que mostra que o bicho não é tão feio assim. O tão falado mau êxito, a tão falada angústia dos candidatos não são culpa dos exames, mas de falta de aprendizado e, eventualmente, da limitação das vagas.

Em relação à repetência, o mecanismo é diferente, mas acaba se culpando o exame. Solução: suprimir o exame e promoção automática. Há um quê de legítimo nessa guerra à repetência, enquanto é a recolocação do aluno, no ano seguinte, na estaca zero, matando-o de tédio ao repetir os 20% ou 30% que havia aprendido. Mas a desejável redistribuição dos alunos, na escola elementar, em cada novo período (ou

ano), segundo o grau de aprendizado que tiveram, para partir daí, nada tem de automática. Exige atenta avaliação. E, assim mesmo, pode suscitar um tipo mais grave de elitização. Os alunos classe A não só são animados, mas animam seus professores e cada vez mais se distanciarão dos alunos classe F, que morrem de tédio e matam o professor da mesma doença. A repetência deve ser supressa ou diminuída. Não, porém, pela abolição do exame ou pela adoção do automático. A solução é a escola ensinar e o aluno aprender. Sem recorrer a bodes pães Azazel. Nem culpar o exame, porque detectou que os quadros de Portinari realmente não eram de Portinari. Não podemos nos perder em ilusões e falsos caminhos. Precisamos ter a coragem de enfrentar o problema no seu âmago.

Não há de ser a supressão do vestibular nem introduzir novidade que o torna mais vulnerável, menos ainda à estranhíssima manobra de reservar 30% das vagas universitárias para candidatos sem base. Dentro em breve, nosso medo de elitização redundará na mais odiosa discriminação: o médico da classe F será o patinho feio da classe. O próprio discriminado. E o Brasil será cada vez mais o país dos doutores que não sabem nada, mencionados por Eça, há cem anos, em sua carta a Fradique Mendes.